

# **EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ENSINO FUNDAMENTAL PÚBLICO COMO INCENTIVO À FORMAÇÃO DA RESPONSABILIDADE SOCIOAMBIENTAL**

Kelma Maria Silva Melo <sup>1</sup>

## **INTRODUÇÃO**

Devido à incidência de crises e os fortes impactos ambientais registrados nas últimas décadas, os debates sobre a importância da educação ambiental ganharam espaço no planejamento acadêmico atual. Definida pela lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, a educação ambiental é um direito de todos e deve estar presente em todas as modalidades de ensino; seu papel é conscientizar a população, bem como incentivar o compromisso da sociedade com o meio ambiente.

A falta de disciplinas de caráter ambiental em níveis de formação fundamental, onde o estudante fortalece seus valores sociais, acaba por dificultar a construção de uma relação de conhecimento e afetividade com o ambiente, e, conseqüentemente, tende a formar cidadãos despreocupados com os impactos e crises ambientais.

Com a aplicação de questionário em uma escola municipal da cidade de Assú/RN, foi possível observar quão escasso é o conhecimento dos alunos acerca dessa temática e a falta de práticas que estimulem o desenvolvimento de responsabilidade socioambiental neles. Confirmando, assim, o descaso da educação básica com a cidadania ambiental.

Frente a essa realidade, é imprescindível que seja a Educação Ambiental componente obrigatório do currículo acadêmico em todos os níveis de ensino, sendo ela componente indispensável para a formação de seres críticos e ambientalmente responsáveis, sendo capaz de unir e transformar todos os seres, e, assim, construir uma sociedade que respeita, valoriza e defende o meio ambiente.

## **METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)**

Essa pesquisa exploratória se divide em três etapas e visa avaliar o desenvolvimento de práticas de Educação Ambiental no Ensino Básico de escolas públicas no município de Assú/RN e incentivar a implementação de medidas criativas e atrativas de didática, a fim de despertar a responsabilidade socioambiental dos alunos, para a construção de um ambiente e sociedade ecologicamente responsáveis.

As etapas são as seguintes: (1) análise, essa etapa consiste na aplicação de questionários e atividades, visando avaliar o que foi trabalhado com os alunos e definir qual o nível de carência deles quanto à Educação Ambiental; (2) apresentação, nessa fase serão apresentadas didáticas buscando a interação dos alunos com o meio ambiente, de modo que eles possam estabelecer laços e conexões físicas e emocionais; e (3) avaliação, nesse momento serão examinados os frutos da etapa anterior, ao ver como os estudantes interagem com o meio ambiente após a experiência passada e quais valores foram desenvolvidos ao longo da atividade.

Ao fim dessas etapas, será possível observar estudantes renovados, com o pensamento crítico aguçado e sensíveis quanto à situação ambiental do país e do mundo. E, assim,

---

<sup>1</sup> Estudante do Curso Técnico Integrado em Informática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN, [kelma.m@escolar.ifrn.edu.br](mailto:kelma.m@escolar.ifrn.edu.br);

contaremos com um futuro que não só conhece a problemática ambiental, mas que batalha para revertê-la (ANDRADE, 2000).

## **DESENVOLVIMENTO**

Desde seu surgimento na década de 70, a Educação ambiental vem conquistando seu espaço na sociedade, e, hoje, é vista como um processo contínuo que visa a tomada de consciência dos cidadãos para com o meio ambiente, de modo que sejam desenvolvidos valores e experiências e findando na formação de um ser apto e responsável ambientalmente (DIAS, 2004).

Ao adentrar o ambiente escolar e trabalhar junto com os professores, essa proposta objetiva um desenvolvimento de caráter socioambiental e crítico nos alunos, que, consoante a Dietz & Tamaio (2000), só pode ser alcançado ao se construir uma relação de integração entre o estudante e o meio, de modo que ele possa compreender e estar motivado a isso.

Sato (2002) propõe que a discussão seja trabalhada de modo que o aluno se perceba como agente e, assim, compreenda seu espaço e responsabilidade no debate. Essa abordagem tende a obter uma resposta positiva, visto que, vendo-se como ator dentro de um espaço, o estudante receberá um maior impacto e será mais facilmente sensibilizado e conquistado pela temática.

Consoante ao pensamento de MELLOWS (1972), essa pesquisa objetiva o estímulo de um desenvolvimento progressivo, onde o aluno começa a descobrir e se preocupar com o ambiente. Assim, numa maneira gradativa e, por fim, encontra-se envolvido. Dessa forma, ao fim da realização deste trabalho, é esperado que sejam encontrados alunos mais conscientes e questionadores a respeito da realidade ambiental do país, formando uma geração transformadora e crítica, que compreende seu lugar no espaço e faz uso dele.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Ainda que esteja em seu início, essa pesquisa já apresenta resultado que a validem, visto que, ao realizar aplicação de um questionário básico para os alunos do 6º ano da Escola Municipal Professora Luiza de França em Assú/RN, foi possível observar a falta de conhecimento ambiental a qual são submetidos os alunos, que não conheciam termos como sensibilização e responsabilidade ambiental e se mostravam leigos acerca do papel que desempenham na preservação do ambiente

É válido ressaltar que o ensino público é extremamente sucateado, e dificilmente priorizará questões ambientais, as quais são consideradas irrelevantes dentro do âmbito escolar. No entanto, é imprescindível que a Educação Ambiental ocupe um espaço dentro da escola, seja como uma matéria isolada ou, preferivelmente, como integrante de várias matérias, promovendo a interdisciplinaridade. Assim, em todas as práticas educativas, devem ser refletidas as relações dos seres entre si, do ser humano com ele mesmo e do ser humano com seus semelhantes, a fim de que seja possível que ocorra a educação ambiental (VASCONCELLOS, 1997).

Após esse primeiro momento onde foi aplicado o questionário na escola, foi sugerida a elaboração de uma gincana que visasse estimular o contato dos alunos com o ambiente, bem como a exibição do documentário O Sal da Terra, lançado em 2014, com direção brasileira, que mostra os impactos humanos sobre o meio ambiente, a fim de impactar os alunos ao exibir uma perspectiva do descaso humano com o meio ambiente.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Face às problemáticas ambientais encaradas na atualidade, a pesquisa aqui apresentada mostra-se pertinente e válida e, apesar das dificuldades que certamente serão encontradas ao longo do caminho, é essencial que se dê continuidade ao seu desenvolvimento. O ensino público encontra-se tão vandalizado quanto o meio ambiente e ao formar alunos preparados para levantar e defender essas pautas, estamos incentivando a construção de uma sociedade política, social e ambientalmente ativa.

Assim, mostra-se fundamental o desenvolvimento desse trabalho, que, junto aos professores, contribuirá para a formação elementar de cada aluno. Por fim, é válido ressaltar que há muito a ser trabalhado e discutido, no entanto, aqui é levantada uma bandeira válida e que merece um lugar na discussão.

Diante do exposto, é possível concluir que, apesar de obrigatória por lei, a Educação Ambiental não está presente em todos os níveis de ensino e a rede pública é a mais precária nessa situação, fazendo cada vez mais necessárias medidas interventivas que possam mudar esse realidade e construir, na escola, um ambiente ecologicamente crítico.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental; Ensino Fundamental; Responsabilidade socioambiental; Ensino Público.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, D. F. **“Implementação da Educação Ambiental em escolas: uma reflexão”**. In: Fundação Universidade Federal do Rio Grande. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, v. 4.out/nov/dez 2000.

CAVALCANTE, Livia Poliana Santana; CAVALCANTE, Larissa Santana; MEDEIROS, Valério Sales de; MAIA, Herika Juliana Linhares; ALENCAR, Layana Dantas. **“Análise da percepção ambiental e sensibilização de educandos do Ensino Fundamental de uma escola pública para realização da coleta seletiva”**, Campina Grande-PB. Revista Monografias Ambientais, v. 9, n. 9, p. 2047-2054, 2012

CUBA, M. A. **“Educação ambiental nas escolas”**. ECCOM, v. 1, n.2, p.23-31, 2010.

DIAS, Genebaldo Freire. **“Educação Ambiental: princípios e práticas”**. 9a ed. São Paulo. Gaia, 2004.

DIETZ, L. A. e TAMAIO I.(Coord.) **“Aprenda fazendo: Aprenda fazendo apoio aos processos de educação ambiental”**. WWF Brasil, 2000.

EFFTING, T. R. **“Educação ambiental nas escolas públicas: realidade e desafios”**. 2007. 78f. Trabalho de conclusão de curso (Especialização Planejamento para o Desenvolvimento Sustentável) – Centro de Ciências Agrárias, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2007.

MELLOWS, apud DIAS, Genebaldo Freire Dias. **“Educação Ambiental – Princípios e práticas”**. São Paulo, Gaia, 1992.

MININI, apud DIAS, Genebaldo Freire Dias. **“Educação Ambiental – Princípios e práticas”**. São Paulo, Gaia, 1992.

MORGADO F.; PINHO R.; LEÃO F. (2000) – **“Educação Ambiental, Para um ensino interdisciplinar e experimental da Educação Ambiental”**, Plátano Edições Técnicas, Lisboa.

NEHME, Valeria Guimarães; BERNARDES, Maria Beatriz. **“Projetos e metodologias para a formação de sujeitos ecológicos”**. In: Giovanni Seabra (Org.) Educação Ambiental no mundo globalizado: uma ecologia de riscos, desafios e resistência. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2011.

SATO, Michèle. **“Educação Ambiental”**. São Carlos, RiMa, 2002.

SILVA, M.M.P.; Leite, V. D. **“Estratégias para realização de educação ambiental em Escolas do ensino fundamental”**. Revista Eletrônica Mestrado de Educação Ambiental, jan./jun. 2008, vol. 20. ISSN 1517-1256.

VASCONCELLOS, H. S. R. **“A pesquisa-ação em projetos de Educação Ambiental”**. In: PEDRINI, A. G. (org). Educação Ambiental: reflexões e práticas contemporâneas. Petrópolis, Vozes, 1997.

VENDRUSCULO, G. S., CONFORTI, A. C., MANICA, K., ARESI, D. **“Concepção e práticas de professores sobre a Educação Ambiental em escolas públicas”**. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, v. 30, n.2, p. 49-63, 2013.